

Abandono e sobrevivência: o sujeito migrante na obra de Luiz Ruffato

Silvina Liliana Carrizo*
Rodrigo da Silva Cerqueira**

RESUMO:

A partir da análise de duas narrativas de Luiz Ruffato, “Minuano” (2001) e “Carta a uma jovem senhora” (2007), é possível indagar se há uma alternativa ao trajeto marcado pela descrença, que parece abranger a produção ficcional brasileira na atualidade. Pelas potencialidades do discurso migrante que possui, a obra de Ruffato torna-se espaço interessante para questionar qual é a real preponderância do fracasso em relação à esperança na ficção nacional do século XXI.

Palavras-chave: Fracasso. Esperança. Discurso. Migrante. Luiz Ruffato.

Doideira de cidade grande, penso, São Paulo tem muita gente só
Roniwalter Jatobá

Ao tentar entender a ficção brasileira construída a partir da década de 1980, mais especificamente a partir da abertura política (uma literatura pós-ditadura), Flávio Carneiro elabora importante reflexão sobre certo impasse vivido pelos ficcionistas brasileiros com os tempos de liberdade. Diz o autor:

A década de 80 é particularmente significativa para a compreensão da literatura e da cultura brasileiras contemporâneas. A ditadura que se radicaliza no fim dos anos 60 e se estende por toda a década de 70 será marcada, entre outras coisas, pela rígida censura à produção intelectual e artística, o que, por sua vez, irá gerar uma literatura de combate, cujo adversário aparece de forma bem definida: o autoritarismo do governo militar. No início dos anos 80, findo o regime, grande parte dos escritores que cresceram ou, pelo menos, amadureceram enquanto escritores nesse período vai se ver diante de um impasse: contra quem escrever agora? (CARNEIRO, 2005, p. 26).

A dificuldade ressaltada por Carneiro possibilita a suposição de que o fim do regime ditatorial traz como consequência direta o esgotamento de uma literatura direcionada ao combate, à reflexão sobre as estruturas do poder nacional. A hipótese não procede, mas essa posição combativa torna-se mais difícil de ser situada, e o espírito a nortear a ficção pós-abertura política é, como sugere o autor – influenciado pelas considerações de Haroldo de Campos, o “espírito de uma época descrente” (CARNEIRO, 2005, p. 21), como se as ideologias fossem substituídas por uma desconfiança em relação ao futuro, ao passo que a atenção ao presente crescesse vertiginosamente em importância (2005, p. 29).

É preciso, contudo, relativizar as posições de Carneiro sobre a construção da literatura brasileira no século atual. Para isso, necessitamos também questionar o raciocínio que lhe serve como base. Haroldo Campos afirma que, à época das vanguardas, havia uma espécie de “esperança programática” e que agora, ausente a perspectiva utópica, dá-se lugar a uma espécie de “princípio-realidade” a confrontar-se com o “princípio-esperança” do filósofo alemão Ernst Bloch. Tal embate, no entanto, falha na consideração de que, para Bloch, a esperança estivesse ligada a uma ausência de realidade, como se a dimensão utópica carregasse algo de abstrato e, por isso, inadequada aos tempos pós-vanguarda. O autor de *O princípio*

esperança afirma que a dimensão utópica serve não só “para tudo dourar levemente e sim para ter dentro de si também a privação” (BLOCH, 2005, p. 96). Ora, a esperança levantada como questão por Bloch não está distante do “princípio-realidade” de Campos, justamente por não se deixar afastar do mundo objetivo. A “esperança programática” salientada pelo ensaísta brasileiro inexistente se é considerada como sentimento distante da realidade objetiva. A utopia, para Bloch, é uma utopia concreta, que leva em consideração as dificuldades da realidade, mas que não deixa de enxergar alternativas à resignação diante das mesmas. Flávio Carneiro parece não enxergar tais alternativas como caminho possível. Ao inserir a “pós-utopia” como reflexão base para a discussão sobre a literatura brasileira atual, o ensaísta descreve a atualidade (marquemos temporalmente: o Brasil pós-ditadura militar) como uma época de incertezas que leva o sujeito contemporâneo a olhar o futuro pelos olhos da descrença. Contudo, o autor de *No país do presente* não leva em conta as possibilidades de um discurso utópico dentro da “pós-utopia”, como se os tempos de incerteza aniquilassem toda e qualquer possibilidade de esperança em relação ao porvir, o que fica claro na reflexão do ensaísta sobre o destino do personagem Mattos, protagonista do romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, publicado em 1990; diz Carneiro:

Apesar de bem-intencionado, (Mattos) vive num mundo tenso, feito de incertezas e erros. Não descobre o criminoso, como seria comum numa narrativa policial do final do século XIX, e termina de forma trágica sua vida atribulada e sem grandes ambições (CARNEIRO, 2005, p. 22-23).

Parece-nos que a dimensão “pós-utópica” dada à ficção brasileira atual por Flávio Carneiro é estabelecida por dois aspectos: a dedicação, por parte da ficção, à vida comum (“sem grandes ambições”) e a noção de que as incertezas moldadoras do mundo refletem-se num destino trágico, que não admite esperanças em relação ao futuro, reforçando o fracasso como único fim possível. Tal impressão é ratificada pelas reflexões de Beatriz Jaguaribe em *O choque do real: estética, mídia e cultura* (2007). Publicado pouco tempo depois de *No país do presente*, o livro de Jaguaribe traz ensaios sobre as formulações da estética realista não só na literatura, mas também no cinema, fotografia e cultura de massa. Ao falar sobre a literatura brasileira no início do século XXI, Jaguaribe afirma que a representação realista vincula-se pela criação de narrativas que ofereçam “âncoras visuais de significação em cenários urbanos fragmentados pela *incerteza*, violência e desigualdade social”; tal significação, no entanto, “não potencializa finais redentores, *ações utópicas* ou ações transformadoras” (JAGUARIBE, 2007, p. 104, grifos nossos).

A linha que separa o olhar permeado pela incerteza (que traz como consequência direta a descrença em relação ao futuro) do fim absoluto da utopia é bastante tênue, quando não inexistente. A nós, no entanto, é difícil crer que não há caminho diverso a esse olhar na classificação e análise da geração de ficcionistas pós-abertura política. Por isso, estabelecemos uma pergunta base para a evolução das reflexões acima explicitadas: mesmo sob a nuvem da descrença, não seria possível uma alternativa, que não se traduzisse na crença por um futuro otimista, mas que aliasse vitórias e derrotas para uma concepção diversa de mundo em que a esperança também fosse possível de ser vislumbrada, mesmo que de relance? É o que tentaremos responder nas próximas páginas.

Em São Paulo, o abandono

Luiz Ruffato desenvolve, desde 2005, importante projeto literário dentro do panorama atual da literatura brasileira. Contra a maioria esmagadora de obras que têm na grande cidade seu espaço principal, o escritor mineiro leva sua ficção para a pequena Cataguases; colocando como

personagens principais trabalhadores comuns, o autor aborda as esperanças e infortúnios de um grupo constantemente massacrado pelo cotidiano opressivo e a ausência de grandes perspectivas do lugar, aliados ao sonho permanente de ascensão socioeconômica baseada no ideal de migração¹. Curioso, porém, constatar que o projeto intitulado *Inferno provisório*, que começa a ser publicado em 2005, traz uma série de histórias já publicadas pelo autor (revistas para nova publicação) em seus dois primeiros livros de ficção: *Histórias de remorsos e rancores* (1998) e *(os sobreviventes)* (2000); mais interessante ainda é verificar que essas e outras histórias escritas por Ruffato (cujo ambiente, em sua maioria, é a cidade de Cataguases) só ganham repercussão crítica maior após a publicação de seu primeiro romance (não digamos urbano) metropolitano, *eles eram muitos cavalos* (2001), que retrata um dia na cidade de São Paulo e foi recebido com entusiasmo pela crítica.

Tratar-se-ia em *Inferno provisório* de um “novo regionalismo” após a breve passagem pela metrópole, como indaga Karl Erik Schøllhammer (2009, p. 77-92). Difícil dizer. Bem possível que, entre nós, ainda reste algo modular em qualificar uma ficção de regional, pretendendo achar no rótulo uma designação para romance a tratar do ambiente rural, ou das tensões entre campo e cidade. Há, de fato, a exploração dessas questões nos romances que compõem o projeto de Ruffato, mas lembremos que Cataguases não poderia ser classificada como “campo” em oposição à “cidade” (São Paulo); trata-se de uma cidade pequena, sem grandes ofertas de crescimento social e econômico para seus moradores, mas ainda uma cidade, de códigos diferentes dos da metrópole, de disposições espaciais também diferentes, mas um espaço urbano².

O que nos interessará na análise da ficção de Ruffato não é tanto essa tensão entre o lugar menor e o maior (o arcaico e o moderno), mas um constante desejo a impulsionar suas personagens (também presentes em *Eles eram muitos cavalos*) para a crença em um futuro feliz num espaço economicamente próspero – crença inevitavelmente negada pela realidade opressora que abarca esses sujeitos, independente da posição geográfica que ocupem. Interessa-nos, pois, a trajetória dos que se dispõem à fuga da terra natal pelo sonho do paraíso na metrópole, que se deixam levar por vagas esperanças de ascensão social e sofrem, como diz Marçal Aquino na apresentação do livro *Paragens* (2004) de Roniwalter Jatobá, “o doloroso processo de desterro no próprio país”. Importa-nos mais ainda investigar se todo esse processo é tratado (deve ser lido) como um processo de constante derrota, de constante desesperança em relação ao futuro, já que por meio desse olhar a “literatura brasileira hoje” é tratada.

Começemos por analisar a presença dessa relação, até certo ponto trágica, entre cidade de origem e cidade “estrangeira” que engloba as personagens criadas pelo autor. Pensemos numa relação baseada em três pontos cruciais: passado, presente e futuro (em aberto, obviamente). O fragmento “Minuano”, inserido em *Eles eram muitos cavalos*, ilustrará inicialmente o raciocínio:

a menina pisou com cuidado a sandália de couro novinha no chão de orvalho congelado os pés enrodilhados por meias cinza esburacadas o embornal cheio de cadernos as letras caprichadíssimas a professora uma italianona brutalhada mas muito boa ela sempre passava a mão na cabeça da menina e pulou para dentro da carroça tracionada por um pequeno e barulhento trator que levava a gurizada para a escola rural ia todo mundo chacoalhando tiritando de frio pulando que nem cabrito sempre rindo sempre rindo era junho e as manhãs azulíssimas e a menina orgulhosa de suas tranças negras exibia seus olhos também azulíssimos pelos campos de soja e era feliz porque seu pai estava na roça com seus dois irmãos mais velhos a safra deste ano ia ser boa ele dizia à noite quando se reuniam na cozinha em torno do fogão a lenha e da água para o chimarrão zunindo na chaleira a irmão bebezinha estava crescendo logo logo ia poder correr

pelo quintal a sua algazarra e seria ouvida lá longe onde três pontos minúsculos eram seu pai e seus irmãos os chapéus em cima da cabeça e sua mãe na cozinha preparava o almoço polenta com galinha no molho e ela balançando de um lado para o outro sobre a carroça desfilava radiante seus olhos azulíssimos pela verde extensão das coxilhas e era plena em sua felicidade a felicidade que temos aos sete anos e que ela agora com o som do micro-system ligado no último volume no décimo-terceiro andar de um edifício em cerqueira César jogada no chão quase bêbada desesperadamente reconhece mas meu deus como deixara escapar aquela felicidade em que momento da vida ela tinha se esfarelado em suas mãos em que lugar fora esquecida quando meu deus quando (RUFFATO, 2001, p. 103-104).

É possível enxergar no texto uma fissura entre passado e presente constatada na pausa, não marcada por qualquer pontuação, “e era plena em sua felicidade a felicidade que temos aos sete anos e que ela agora com o som do micro-system ligado no último volume”, fissura sintetizada pelo apelo em meio à metrópole: “quando meu deus quando”. Sem dúvida, o grande mérito de *Eles eram muitos cavalos* é a possibilidade trazida pela ficção de os sujeitos oprimidos pela grande cidade (e aqui não há marcas sociais dominantes – o romance trata, sem privilégios, de todas as classes) obterem espaço para a expressão de suas subjetividades. Subjetividades até certo ponto negadas, ou excluídas, da análise da literatura contemporânea, como fica claro no raciocínio de Beatriz Jaguaribe:

Da sarjeta do lumpen urbano, passando pelas agruras dos pobres e culminando no ar espesso de tiros e no chão encharcado de sangue das batalhas do tráfico, a visão da metrópole como implosão social permeia os escritos de Marçal Aquino, Paulo Lins, Luiz Ruffato [...] Em enredos repletos de ação, os personagens possuem escassa interioridade [...] O efeito crítico se dá não pelo questionamento do mundo ou pelo relevo psicológico dos personagens, mas pela chocante retratação do desmanche social (JAGUARIBE, 2007, p. 109).

É preciso afirmar que, primeiro, o predomínio da ação destacada por Jaguaribe não se encontra manifestado no fragmento destacado de *Eles eram muitos cavalos*; pelo contrário, “Minuano” retrata um instante de profunda reflexão por parte da personagem, o que nos leva a questionar também a ausência de “relevo psicológico” nos romances de matriz realista da nova ficção brasileira. “Minuano” é predominantemente psicológico, e a realidade objetiva (o “retrato” destacado por Jaguaribe) está necessariamente contraposta à subjetividade da personagem. Essa subjetividade (no trecho em destaque do romance de Ruffato) reside no lugar de origem, ou melhor, na imagem do lugar de origem (imagem construída na memória, reflexo do passado) subjetivamente incorporada pela personagem no presente, distante do território natal. Resta-nos então perceber que há uma fratura importante nessa relação entre desterrado e memória, entre passado e esperança em relação ao futuro, que é regida pela experiência presente. Não há dúvidas de que a frustração atual marca a ideia de que o passado é potencialmente superior ao futuro próximo, que estará, sim, marcado pela descrença adotada por Flávio Carneiro para classificar a ficção brasileira pós-ditadura militar. Contudo, é preciso pensar nessa tensão entre sujeito migrante, em desterro, e metrópole, não por uma perspectiva simplista, que conserve uma espécie de balanço entre ilusões perdidas e possível futuro trágico, mas por uma perspectiva relacional, em que passado e presente coexistam para a construção do porvir³. Iniciemos o raciocínio com o auxílio das reflexões do ensaísta peruano Antonio Cornejo Polar:

Seria tentador datar essa têmpera nostálgica de um tempo em que a migração era mais uma aventura individual do que uma vasta decisão coletiva. Em termos

gerais, seria uma interpretação parcialmente adequada; entretanto, como esse tom persiste duplamente, como repetição emotiva de textos anteriores e como criação de outros novos de natureza similar, prefiro entendê-lo como uma variante relativizada, por ser posicional, capaz de ingressar sem maiores dificuldades numa complexa ordem discursiva que assume a saudade como perspectiva possível de um sentido que também pode ser – e é – triunfalista (CORNEJO POLAR, 2000, p. 302).

Admitindo – como já o fizemos – a migração na obra de Ruffato como uma “vasta decisão coletiva”, já que o destino desejado pela grande maioria das personagens de Ruffato é a tentativa de sucesso em outras terras que não a de origem, e deixando claro que o “trunfo” abordado por Cornejo Polar não deve ser encarado com tintas de otimismo hiperbólico, chegamos a um impasse que não será resolvido na leitura do fragmento de *Eles eram muitos cavalos* anteriormente citado. Não há, em “Minuano”, ideal possível de saudade como conceito “trunfalista”. A trajetória da menina que “quase bêbada” lança-se ao passado como porto seguro para o presente esmagador não se aproxima dessa concepção que, parece-nos, aponta para a visão relacional por nós desejada, que une ao sujeito migrante a possibilidade de um discurso cumpridor da tarefa de coexistência simultânea entre passado e presente (derrotas e vitórias) no centro de sua expressão subjetiva. A imagem de um passado (sinônimo de felicidade), que “esfarela” nas mãos da personagem, dá ao leitor a certeza de presenciarmos um mundo esgotado em que a esperança é nula frente à realidade que não só a engloba, mas também a destrói. E, aqui, cabe-nos indagar se realmente há a possibilidade dessa perspectiva relacional do sujeito migrante na obra de Ruffato, em que o convívio harmônico entre passado e presente surja como marca de esperança em relação ao futuro. A resposta é positiva. Por isso, não deixa de ser singular que, quando abandona a narrativa fragmentária, curta, e passa a explorar de modo mais longo a trajetória de personagens marcados, agora, pelo cartaz da classe média baixa, Ruffato insinue atingir uma abordagem mais complexa da relação entre sujeito e lugar no discurso migrante.

Tratemos, pois, do projeto *Inferno provisório*, centrando nossa análise na narrativa “Carta a uma jovem senhora”, publicada originalmente em (*os sobreviventes*) (2000) e reeditada para o quarto volume do projeto, *O livro das impossibilidades* (2008)⁴.

Em São Paulo, a sobrevivência

O título do quarto volume do projeto de Ruffato já caracteriza, para nós, um problema: como será possível imaginar uma alternativa ao aniquilamento da utopia numa obra cujo nome valoriza a negação? Há certa abertura para essa questão ao conferirmos as palavras de Fernando Pessoa, que servem como epígrafe do romance: “Os deuses são deuses/ Porque não se pensam”. Ainda que exista a predominância da derrota no termo “impossibilidades”, há também uma preocupação em qualificar o livro como espaço necessariamente humano, propenso a um discurso subjetivo que, veremos, apesar de cercado pelas negações do mundo, não desiste de buscar uma saída.

Válido aqui lançar mão do pensamento de Karl Erik Schøllhammer que compreende o olhar de Ruffato à pequena cidade e seus habitantes não como nostálgico, mas “cético” ao passo que “profundamente identificado com os personagens, apesar da substância subjacente de desumanização e degradação” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 84). Ceticismo e identificação caminham juntos justamente nessa possibilidade de a ficção criar na degradação espaço para a expressão subjetiva. O problema ainda é que, nas observações de Schøllhammer, aparentemente essa subjetividade é massacrada pela desumanização, que povoa a ficção sem dar-lhe brechas para quaisquer mudanças.

Vejam os exemplos de “Carta a uma jovem senhora”. Aílton, nascido e criado em Cataguases, perambula pelos grandes centros econômicos brasileiros (Rio de Janeiro e São Paulo) na tentativa de crescer social e economicamente, isto é, superar as (im)possibilidades de ascensão oferecidas por Cataguases. Em São Paulo, a personagem resolve tentar recuperar o passado (tempo perdido) através de uma carta direcionada a um amor da juventude, Laura.

*Prezada Laura,
Observou a caligrafia.
Quando você receber essa carta, provavelmente não vai se lembrar de mim, afinal lá se vão* (RUFFATO, 2008, p. 70 [sic]).

A carta escrita por Aílton percorre caminho temporal interessante: não são palavras direcionadas do presente para o presente, embora aparentemente a intenção de Aílton seja comunicar-se com Laura hoje. No decorrer da leitura, é possível perceber que Aílton escreve para recuperar o próprio passado, direcionando seu discurso para a investigação do que o levou a este momento (trancado num quarto de hotel em São Paulo, desiludido em relação ao futuro próximo), baseando-o na figura de Laura.

Sim, Laura, o passado. Gastei minha vida tentando encontrar algo que se perdeu lá atrás e que nem mesmo sabia o que era. No Rio, andava para cima e para baixo – conheço a cidade com a palma da minha mão – e não encontrei, em momento algum, nada que me interessasse de verdade. Nunca consegui deixar de pensar, um só instante, naqueles nossos encontros, banais para você, inesquecíveis pra mim (RUFFATO, 2008, p. 75 [sic]).

O testemunho da personagem centra em Laura os infortúnios do presente, buscando uma justificativa plausível para a vida errante entre as capitais. Em verdade, a personagem escreve para si mesma, numa tentativa frustrada de recuperar quem foi e achar explicações sobre quem se tornou. O passado aqui parece arraigado ao sujeito que não se molda aos novos tempos, não se encaixa em nenhum lugar que não seja a agora inexistente cidade de Cataguases, em companhia de uma Laura há dezesseis anos, estabelecendo o presente como tempo de profunda inadequação. Assim, por esse sentimento só poder ter fim numa revitalização ilusória, já que impossível, Laura passa a ser não mais o porto seguro em que se encontrar é possível, mas a culpada por todos os infortúnios ocorridos após o abandono da cidade natal.

Você foi uma doença, uma doença que me fez perder o gosto pelas coisas, que me fez achar que o mundo se resume naquele tempo que passei hipnotizado por você, sem perceber que era humilhado o tempo todo. A sua doçura, Laura, esconde uma pessoa mesquinha, isso descobri tarde demais. Você conseguiu se virar. Constituiu família, enterrou o passado, essas coisas todas que estou lembrando devem ser estranhas para você agora. Eu fiquei escorregando pela vida, andando feito bobo pelas ruas e praias do Rio de Janeiro, fuçando os becos, os morros, os ônibus, os táxis, para ver se via alguém parecida com você, se encontrava alguém que pudesse me livrar dessa maldição (RUFFATO, 2008, p. 78-79 [sic]).

Aparentemente a migração resulta num processo de derrota da subjetividade em relação à realidade objetiva. Sair traz como consequência o aniquilamento do sujeito em relação ao futuro, deixando-o abandonado às lembranças do passado num movimento medido pelo desencanto constatado tanto no porvir nada promissor como no passado que, se se faz presente, é impossível de ser recuperado. Porém, a migração não carrega as tintas apenas da derrota. Como dissemos

antes, o movimento de abandono da terra natal na obra de Ruffato enquadra-se na ideia de “vasta decisão coletiva” colocada por Cornejo Polar; um movimento necessário para quem deseja a ascensão econômica e social.

– Uai, Laura, mais dia menos dia a gente tem que tomar rumo... não dá pra ficar aqui a vida inteira... No Rio pelo menos a gente tem mais... possibilidade... assim... de crescer... (RUFFATO, 2008, p. 71).

Se a migração age como norte para as personagens de Ruffato, Aílton é, de certa forma, um vencedor em relação a seus pares, já que consegue sair de Cataguases, de sua ausência de perspectivas e poucas possibilidades de ascensão, ainda que a vida nos grandes centros urbanos não represente grande mudança de patamar social. Por isso, a tentativa de reconquistar o passado através da carta a Laura (tentativa inútil, ressaltemos), carrega as tintas do arrependimento, como se o verdadeiro Aílton ganhasse vida apenas no passado, mas o desfecho da estória traz nova dimensão para o lugar ocupado pela personagem nesse embate temporal.

Aílton levantou-se, abriu a porta. Cambaleando, desceu as escadas, escorando-se no corrimão. No saguão vazio do hotel, o recepcionista dormia, cabeça ligeiramente voltada para a esquerda, entre os braços espreguiçados sobre o pequeno balcão de madeira. Chacoalhou o rapaz, que despertou assustado, olhos vermelhos, esbugalhados. ‘Ô parceiro, preciso fazer uma ligação. É urgente’, a voz engrolada. ‘Não dá não... O gerente... ele passa o cadeado no telefone. Não tenho a chave...’ ‘Merda! Então abre a porta para mim que eu vou procurar um orelhão.’ O rapaz, incrédulo. ‘Orelhão? A essa hora? Ficou doido? Está cheio de marginal aí fora...’ Aílton mirou a porta de vidro fumê, uma grossa trava de madeira atravessava-a longitudinalmente. ‘Merda!’ Subiu as escadas, entrou no quarto, engoliu mais um copo de uísque, acendeu outro cigarro. Arrancou as páginas manuscritas do bloco de cartas, releu-as, amassou-as, jogou-as no cesto do lixo. Escancarou a janela, tirou do bolso a folha onde a Mirtes rabiscara o endereço e o número do telefone da Laura, picou-a, esparramou os pedacinhos pela avenida vazia (RUFFATO, 2008, p. 87).

A conclusão óbvia é que a derrota surge como tom principal desta narrativa e a não concretização da volta ao passado torna o presente (e principalmente o futuro) nebuloso. Contudo, necessitamos não ceder a conclusões fáceis e investigar a possibilidade de uma nova leitura que não desminta o tom impresso pelo fim da narrativa, mas considere alternativas em relação ao mesmo:

Assim é importante evitar a perspectiva que faz do migrante um subalterno irremediável, sempre frustrado, repellido e humilhado, imerso num mundo hostil que não compreende nem o compreende, e do seu discurso, apenas um longo lamento de desenraizado; mas, igualmente, é importante não cair em estereótipos puramente celebrativos: também há migrantes instalados no nicho da pobreza absoluta, onde opera a nostalgia sem remédio, a conversão do passado em utópico paraíso perdido ou o desejo de um retorno talvez impossível, embora se deva advertir – e isso é decisivo – que inclusive o êxito menos discutível não inibe necessariamente os tons do pesar. Em outras palavras: triunfo e nostalgia não são termos contraditórios no discurso do migrante (CORNEJO POLAR, 2000, p. 303).

Se “triunfo” e “pesar” não se dissociam, alcançamos um novo patamar na análise do discurso migrante. O ato final de Aílton (reparemos que a ação é observada por um narrador presente, e não narrada pelo discurso do personagem que busca recuperar o passado, numa clara valorização do “agora” em relação ao “ontem”) não é a completa superação do passado que o persegue como maldição, mas também não é a total entrega à derrota que regerà o futuro próximo. Ao rasgar as páginas de sua busca pelo passado, ao lançar pela janela todo o contato possível com Laura, Aílton reconhece a inevitabilidade do reencontro sem deixar de constatar a importância do passado para a continuação de sua trajetória. O futuro não está marcado, mas em aberto, solidificando a noção de que é preciso seguir.

A narrativa de Ruffato, a potência de seu alinhamento entre a subjetividade das personagens e a reconhecida dureza da realidade objetiva, mostra-nos a alternativa para o discurso crítico que tem, nos últimos anos, tentado refletir sobre os códigos da literatura brasileira contemporânea. Se não há grandes vitórias, “finais redentores”, também não há necessariamente o predomínio incontestado da derrota em relação à vitória, da descrença em relação à esperança.

Em lugar de aceitar a derrota como norma, podemos acreditar que a trajetória de Aílton é uma trajetória vitoriosa. Obviamente, a vitória não se caracteriza como grande triunfo, tampouco como fracasso. Ao aceitar o passado como algo estagnado, a personagem está livre para prosseguir visando um futuro que pode não ser redentor, mas que também não deixa de pesar o valor, mínimo que seja, da esperança.

Abandonment and survival: the migrant subject in the work of Luiz Ruffato

ABSTRACT:

The analysis of two narratives by Luiz Ruffato, “Minuano” (2001) e “Carta a uma jovem senhora” (2007) can be a starting point for the questioning of whether there is an alternative to the trajectory marked by disbelief which seems to be subsumed by today’s Brazilian fiction production. By virtue of the potentialities of its migrant discourse, Ruffato’s work becomes an interesting space to question which is the real preponderance of failure over hope in Brazilian fiction at the beginning of the 21st century.

Keywords: Failure. Hope. Discourse. Migrant. Luiz Ruffato.

Notas explicativas

* Professora Associada da Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF.

** Doutorando na Pós-graduação em Estudos Literários, FALE, UFJF.

¹ Não só a ficção brasileira atual debruça-se muito mais sobre os códigos das grandes metrópoles, mas também a reflexão sobre essa ficção esquece – por vezes – da existência de obras ficcionais voltadas para outros territórios que não, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo. Manuel da Costa Pinto, num manual de literatura brasileira contemporânea lançado em 2004, afirma que “se os autores da chamada Geração 90 frequentam os mesmos lugares inóspitos que os escritores da periferia – ruas deterioradas, botecos esquálidos, casas traumatizadas pelo desemprego, pela violência e pela loucura –, há uma percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno (e urbano)” PINTO, Manuel da Costa. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 82.

² O geógrafo Milton Santos define certas cidades de pequeno porte como “cidades de subsistência”, cujo sustento gira em torno de uma única atividade produtiva. Ver: SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

- ³ Essa ideia de coexistência do sujeito migrante com tradição e outros interesses advindos do local presente é explorada por Stuart Hall em *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ⁴ O projeto de Ruffato é composto por mais quatro volumes: *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo* (ambos de 2005), *Vista parcial da noite* (2007), *Domingos sem Deus* (2011).

Referências

- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança I*. Trad. de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ: Contraponto, 2005. 434 p.
- CARNEIRO, Flavio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 338 p.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Trad. de Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 324 p.
- JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 240 p.
- PINTO, Manuel da Costa. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004. 159 p.
- RUFFATO, Luiz. *eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001. 150 p.
- _____. *O livro das impossibilidades*. Rio de Janeiro: Record, 2007. 160 p.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 176 p.

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 6 de dezembro de 2011